

## **A SOCIEDADE MODERNA E O CONTROLE DO DISCURSO**

Alyne Carneiro Caetano de Sousa <sup>1</sup>

### **RESUMO**

A sociedade é altamente complexa que não se consegue distinguir o natural do artificial, o real do imaginário. Nessa sociedade, não é mais possível identificar fronteiras definidas. E todos os povos se encontram na mesma alienação, buscam por um ideal implantado como natural. Essa alienação é tamanha que as pessoas crescem planejando a vida conforme as ideologias de acumulação e sucesso ditados pelo sistema. O sistema controla todo e qualquer meio de informação, de uma forma invisível e brutal, todos os discursos que chegam até a massa são discursos de interesse do sistema para que este continue a dominar e imperar.

**Palavras-Chave:** Sociedade; Capitalismo; Discurso; Artificialidade; Controle.

### **INTRODUÇÃO**

A proposta desse artigo é discorrer sobre a sociedade hoje e o controle do discurso, que paira como uma nuvem invisível sobre nossas cabeças, sobre nossas vidas, e que na maioria das vezes consegue nos manter na ignorância de fatos relevantes para nossa existência. Você deve estar se perguntando se esse assunto existe ou se é mera teoria da conspiração de mais um louco que tenta nos apavorar, é compreensível essa questão, pois muitos fizeram essa mesma pergunta muitas vezes. O fato é que quando estamos inseridos em um sistema tão grande e tão híbrido como o que vivemos hoje, somos confundidos pela complexidade da sociedade, e só a partir de leitura e pesquisa aprofundada é que se pode

---

<sup>1</sup> Acadêmica do 2º período da turma gama noturno do Curso de Direito da Faculdade Atenas, disciplina : Sociologia Jurídica, alyne\_carneiro@hotmail.com.

perceber e enxergar que as informações que chegam até nós foi antes filtrado pelo sistema, filtrado por potências que detêm o poder econômico e usam a mídia para nos convencer de que toda essa artificialidade é natural. A sociedade é altamente consumista e impõe verdades que mantêm as pessoas em estado de alienação, um estado de quase dormência diante das escolhas que podem fazer.

A alienação é tamanha que, desde que as pessoas nascem, são condicionadas a crescer, planejando toda a vida conforme o sistema em que estão inseridas, sem se quer refletirem sobre as escolhas, que muitas vezes só podem seguir por um caminho, porque todos desejam Alcançar o mesmo objetivo.

Vamos discorrer um pouco sobre esse controle invisível, mas bem real, que aliena e induz as pessoas a serem não o que querem, mas sim o que o sistema impõe.

Para entendermos sobre o controle do discurso detalharemos primeiro essa difusa e confusa sociedade.

## **1 A Sociedade Mundial de Controle**

Hoje, vivemos sobre a influência de um sistema formado por costumes e interesses de poder e somos comandados por ele. Com a difusão desse discurso capitalista, que induz a humanidade a acumulação e a individualidade, a sociedade civil passa por vários processos de mutação, ao longo da evolução desse sistema, até que, se enfraquece e forma a sociedade de controle. Uma forma social difundida mundialmente. Para explicar esse processo de mudança tomamos como exemplo a palavra de Michel Hardt:

O que gostaria de sugerir é que a forma social tomada por esse novo Império é a sociedade de controle mundial. A passagem da sociedade disciplinar à sociedade de controle se caracteriza, inicialmente, pelo desmoronamento dos muros que definiam as instituições. Haverá, portanto, cada vez menos distinções entre o dentro e o fora. Trata-se, efetivamente, de um elemento de mudança geral na maneira pela qual o poder marca o espaço, na passagem da modernidade à pós-modernidade. A soberania

moderna sempre foi concebida em termos de território – real ou imaginário – e da relação desse território com seu fora. É assim que os primeiros teóricos modernos da sociedade, de Hobbes a Rousseau, compreendiam a ordem civil como um espaço limitado e interior que se opõe à ordem exterior da natureza, ou que dela se distingue. O espaço circunscrito da ordem civil, seu lugar, se define por sua separação dos espaços exteriores da natureza<sup>2</sup>

Essa sociedade não possui mais fronteiras definidas, não possui muros, tudo se torna um atrelado à idéia global e difundida, onde cada formação social está ligada às outras, como parte de um projeto imperial.

Como diz Fredric Jameson: “O pós-modernismo é o que se obtém quando o processo de modernização e a natureza desapareceram para sempre”<sup>3</sup> É obvio que ainda temos florestas, insetos e tempestades no nosso mundo e também ainda temos a idéia de que nosso psiquismo se submete à ação de instintos e paixões, mas não temos natureza no sentido que essas forças não são naturais como pensamos ser, tampouco percebidos como originais e independentes do artifício da ordem civil. Em nossa sociedade atual, todos os fenômenos e forças são artificiais. A Sociedade se transformou em um jogo de graus e intensidades, de hibridismo, e artificialidade.

O modo de vida agitado corrido e mecânico dessa sociedade não deixa que os indivíduos percebam essa artificialidade que gira em torno dos pilares do sistema, não conseguem ver que não é natural, tudo é filtrado é calculadamente implantado na sociedade.

O espetáculo é simultaneamente, unificado e difuso, de tal modo que é impossível distinguir um dentro de um fora – o natural do social, o privado do público. A noção liberal do público como o lugar do fora, onde agimos sob o olhar dos outros, tornou-se ao mesmo tempo universalizada (pois somos hoje permanentemente colocados sob o olhar dos outros, sob a observação das câmeras de vigilância) e sublimada, ou desrealizada, nos espaços virtuais do espetáculo.<sup>4</sup>

Vivemos em um mundo híbrido, onde não conseguimos distinguir os conflitos, os verdadeiros inimigos. Como afirma o raciocínio de Michel Hardt:

---

<sup>2</sup> HARDT, Michael. A sociedade mundial de controle. In: Alliez, Éric. Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000. Pg. 358.

<sup>3</sup> F. Jameson, Postmodernism, or the cultural logic of late capitalism, Duke, Duke University Press, 1991, p. IX.

<sup>4</sup> HARDT, Michael. A sociedade mundial de controle. In: Alliez, Éric. Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000. Pg. 360.

Podemos perceber que na realidade, entramos na era dos conflitos menores e interiores. Atualmente, é cada vez mais difícil nomear o inimigo, ou melhor: parece que há, em todos os lugares, inimigos menores e imperceptíveis.<sup>5</sup>

Esses conflitos se tornam difíceis de distinguir devido à pluralidade e a mistura global, devido à dificuldade de se definirem nações no sistema unificado e difuso, que se tornou o capitalismo, onde as empresas não mais possuem fronteiras e nações e sim empresas que formam o imenso império global e unificado do capitalismo.

O mercado capitalista é contrariado pelas exclusões e prospera incluindo, em sua esfera, efetivos sempre crescentes.(...) Em sua forma ideal, não há um fora do mercado mundial: o planeta inteiro é seu domínio. Poderíamos utilizar a forma do mercado mundial como modelo para compreender a forma da soberania imperial em sua totalidade. Da mesma maneira, talvez, com que Foucault reconheceu no panótico o diagrama do poder moderno e da sociedade disciplinar, o mercado mundial poderia fornecer uma arquitetura de diagrama (mesmo não sendo arquitetura) para o poder imperial e a sociedade de controle.<sup>6</sup>

Esse poder não pode ser identificado, nem localizado: “Não há o lugar do poder: ele está em todos os lugares e em nenhum deles. O império é uma utopia, ou, antes, um não-lugar.”<sup>7</sup> A submissão dos cidadãos é efetuada nos regimes de práticas cotidianas móveis e flexíveis, e que criam hierarquias racionais estáveis e brutais. O conceito de soberania moderna sempre marcou uma transcendência, ou seja, uma superioridade e uma distância entre o poder (do Estado por exemplo) e as potências da sociedade.

As diversas instituições da sociedade moderna deveriam ser consideradas como um arquipélago de fábricas de subjetividade. No decurso de uma vida, um indivíduo entra nessas diversas instituições (da escola à caserna e à fábrica) e delas saem de maneira linear, por elas formado.(...) As práticas materiais oferecidas ao sujeito no contexto da instituição – quer se trate de ajoelhar-se para rezar ou de trocar centenas de fraldas formam o processo de produção de sua própria subjetividade.(...)análises institucionais de Deleuze e Guattari, Foucault, Althusser e outros, é que a subjetividade não é originária, dada a priori, mas se forma pelo menos até um certo ponto, no campo das forças sociais. As subjetividades que interagem no plano social são substancialmente criadas pela sociedade.<sup>8</sup>

---

<sup>5</sup> HARDT, Michael. A sociedade mundial de controle. In: Alliez, Éric. Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000. Pg. 361.

<sup>6</sup> HARDT, Michael. A sociedade mundial de controle. In: Alliez, Éric. Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000. Pg. 361.

<sup>7</sup> HARDT, Michael. A sociedade mundial de controle. In: Alliez, Éric. Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000. Pg. 362.

<sup>8</sup> HARDT, Michael. A sociedade mundial de controle. In: Alliez, Éric. Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000. Pg. 366, 367.

Esse contexto de submissão nasce de todos os hábitos que temos como natural, como por exemplo: a escola, o trabalho, entre outros. São nesses locais que aprendemos essa subjetividade. É executando essas tarefas, aparentemente ingênuas, que somos cada vez mais incluídos na massa, aplicando a ideologia imposta. Sem refletir sobre o porquê devemos seguir esse modelo de vida, e achando inútil esse tipo de reflexão, pois estamos, demasiadamente, ocupados com a conquista do tão sonhado sucesso.

De fato, as instituições sociais produzem subjetividade mais intensamente do que nunca. Poderíamos dizer que o pós-modernismo é o que obtemos quando a teoria moderna do construtivismo social é levada ao extremo e toda subjetividade é reconhecida como artificial. A passagem não é, portanto, de oposição, mas de intensificação. Como dissemos acima, a crise contemporânea das instituições significa que os espaços fechados que definiam o espaço limitado das instituições deixaram de existir; de maneira que a lógica que funcionava outrora principalmente no interior dos muros institucionais se estende, hoje, a todo campo social.<sup>9</sup>

A produção da subjetividade, na sociedade imperial de controle, tende a não se limitar a lugares específicos. Não se restringe a qualquer local, o modo de vida é todo regulado por esse controle, não interessa se o indivíduo está no seu trabalho, ou dentro da sua residência assistindo à TV.

Portanto, no colapso generalizado, o funcionamento das instituições é, ao mesmo tempo, mais intensivo e mais disseminado. Assim como o capitalismo, quanto mais elas se desregam melhor elas funcionam. De fato, começa-se a saber que a máquina capitalista só funciona se esfacelando. Suas lógicas percorrem superfícies sociais ondulantes, em ondas de intensidade. A não-definição do lugar da produção corresponde à indeterminação da forma das subjetividades produzidas.<sup>10</sup>

O que controla toda essa estrutura capitalista é o discurso do outro, são os lemas da sociedade que mantém esses pilares erguidos, e atrás desse discurso há o controle, controle o qual a sociedade não consegue ver, e que é de extrema importância para que toda essa estrutura continue firme e funcionando, levando-nos cada vez mais a uma vida superficial e

---

<sup>9</sup> HARDT, Michael. A sociedade mundial de controle. In: Alliez, Éric. Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000. Pg. 368.

<sup>10</sup> HARDT, Michael. A sociedade mundial de controle. In: Alliez, Éric. Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000. Pg. 368.

artificial. Mas que atende às aspirações de quem precisa dessa artificialidade para acumular mais e mais.

Mais uma vez, como o próprio capitalismo, a sociedade de controle só funciona se esfacelando. Com a sociedade de controle, chegamos, enfim, a uma forma de sociedade propriamente capitalista, que a terminologia de Marx denomina a sociedade da subsunção real.<sup>11</sup>

Não se pode pensar a sociedade de controle sem se pensar o mercado mundial. O mercado mundial, segundo Marx, é o ponto de partida e o ponto de chegada do capitalismo. Com a sociedade de controle, chegamos finalmente a esse ponto, o ponto de chegada do capitalismo. Como o mercado mundial, ela é uma forma que não tem fora, fronteiras, ou então possui limites fluidos e móveis. Para retomar o título de minha exposição, a sociedade de controle já é, de modo imediato, uma sociedade mundial de controle.<sup>12</sup>

## 2 O Controle do Discurso

Esse ponto de chegada do capitalismo, que é o mercado mundial que gera forças e parâmetros, precisa para isso de uma forma de comunicar sua ideologia de uma forma para atingir a sociedade, isso é feito por meio do controle do discurso.

Toda e qualquer informação que nos é repassada, passa antes por um controle geral de seleção de informações, que são introduzidas por meio de um discurso o qual chega aos nossos ouvidos pela mídia, que transmite o que é interessante para o poder “O discurso é uma união solidária entre significante e significado que depende unicamente do capricho de quem o emite.”<sup>13</sup> Assim podemos perceber que as palavras têm significados conforme a ideologia que há por trás delas. A sociedade atual transmite o discurso capitalista, como diz Foucault:

Suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e os perigos, dominar seu acontecimento aleatório, disfarçar a sua pesada, temível materialidade.<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> HARDT, Michael. A sociedade mundial de controle. In: Alliez, Éric. Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000. Pg. 371.

<sup>12</sup> HARDT, Michael. A sociedade mundial de controle. In: Alliez, Éric. Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000. Pg. 372.

<sup>13</sup> FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. In: Souza, Marcos Spagnuolo. Apostila A Sociedade Moderna e o Controle do Discurso. Pg.1.

<sup>14</sup> FOUCAULT, Michel. A ORDEM DO DISCURSO. São Paulo: Loyola, 2006 ed 13ª. Pg 8 e 9

È nesse disfarce que podemos perceber o cuidado que é tomado com tudo que é dito, que é publicado, que é mostrado, para que as pessoas que vivem na massa não possam ter condições de enxergar. Vivemos cercados de informações suspeitas, que nos fazem querer seguir um modo de vida que interessa única e exclusivamente aos poderes dominantes.

O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Temos consciência de que não temos o direito de dizer o que nos apetece, que não podemos falar de tudo em qualquer circunstância, que quem quer que seja, finalmente, não pode falar do que quer que seja.<sup>15</sup>

Desde que nascemos, somos condicionados a ter cuidado com o que falamos, somos condicionados a obedecer a esse modelo, e com o passar do tempo cada vez mais vamos aprendendo que para falar, precisamos de ter embasamento, precisamos de ser autorizados. “O discurso que reina é o discurso pronunciado por quem de direito e conforme ritual requerido consegue a qualificação. É o saber do sociólogo, do psicólogo, do médico etc.”<sup>16</sup> Como somos condicionados a acreditar em que essa ‘autorização’ é legítima, buscamos meios de conseguí-la, buscamos a nossa qualificação. “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos apoderar-nos.”<sup>17</sup> Todos queremos ter o poder e esse é conseguido pelo discurso.

Por meio dessa busca de qualificação conseguimos penetrar na ordem, onde podemos até produzir conhecimento, mas somente nas áreas que nos são autorizadas, geralmente essas áreas autorizadas são as que o próprio sistema utiliza para se manter.

Rarefação dessa vez, dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo; Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, a disposição de cada sujeito que fala.<sup>18</sup>

---

<sup>15</sup> FOUCAULT, Michel. A ORDEM DO DISCURSO. São Paulo: Loyola, 2006 ed 13ª. Pg. 9.

<sup>16</sup> FOUCAULT, Michel. A ORDEM DO DISCURSO. São Paulo: Loyola, 2006 ed 13ª. Pg. 10.

<sup>17</sup> FOUCAULT, Michel. A ORDEM DO DISCURSO. São Paulo: Loyola, 2006 ed 13ª. Pg. 10.

<sup>18</sup> FOUCAULT, Michel. A ORDEM DO DISCURSO. São Paulo: Loyola, 2006 ed 13ª. Pg. 37.

Quando chegamos à qualificação necessária é porque geralmente passamos a vida trabalhando naquela área, sem procurar saber sobre as complexidades da sociedade em que estamos inseridos, até por que, somos induzidos a acreditar que isso deve ser feito por outras pessoas, mais qualificadas. E isso é aceito e respeitado pela maioria, sem questionamentos ou reflexões.

A disciplina é um princípio do controle da produção do discurso. A doutrina liga os indivíduos a certos tipos de enunciado e lhes proíbem todos os outros. Liga indivíduos entre si e os diferenciam de todos os outros. A única condição requerida é o reconhecimento das mesmas verdades e aceitação de certas regras de conformidade com os discursos validados.<sup>19</sup>

A sociedade é organizada em torno desse discurso que transmite a todos um certo conforto, porém é um falso bem-estar, pois se deixar envolver por tal discurso é demonstrar ignorância, é não compreender as reais intenções ideológicas que são por ele defendidas.

Mas que ninguém se deixe enganar; mesmo na ordem do discurso verdadeiro, mesmo na ordem do discurso publicado e livre de qualquer ritual se exercem ainda formas de apropriação de segredo e de não-permutabilidade.<sup>20</sup>

Em hipótese alguma se pode acreditar em que as informações que chegam até nós são verdadeiras, devemos compreender a intenção subentendida processá-la tal qual é, sem máscaras e sem ideologias.

## CONCLUSÃO

Vemos todos os dias pessoas saindo de suas casas rumo aos seus empregos e depois voltando para casa tarde da noite, todas numa só massa, todas com o mesmo objetivo: trabalhar para receber e receber para consumir. Essa necessidade de consumo crescente é que mantém o sistema. A massa depende desse consumismo para ser feliz. O que é interessante para a liderança é que os governados sejam bons e obedientes, seguindo a ordem das coisas sem questionamentos. Enquanto não buscarmos esclarecimentos, para conseguirmos enxergar esse filtro de discurso, enquanto a população não tomar consciência do que verdadeiramente

---

<sup>19</sup> FOUCAULT, Michel. A ORDEM DO DISCURSO. São Paulo: Loyola, 2006 ed 13ª. Pg. 36.

<sup>20</sup> FOUCAULT, Michel. A ORDEM DO DISCURSO. São Paulo: Loyola, 2006 ed 13ª. Pg. 40

está por trás dessa artificialidade que tomou conta de nossas vidas e da sociedade, a massa viverá presa à essa realidade. Acreditado em tudo o que chega à mídia, que todas as informações que são transmitidas são verdadeiras e devem ser seguidas. O importante é que nós consigamos tomar consciência do quão importante é procurar entender a nossa sociedade e nosso sistema, para que possamos ser mais independentes e menos artificiais e assim, não sejamos comandados. É necessário despir-nos da ideologia implantada e formar nosso próprio conhecimento sobre o que é a vida e o que realmente desejamos.

### **ABSTRACT**

In today live in a highly complex society where we are not able to distinguish the artificial nature of the real of imagination. This society is no longer possible to identify boundaries defined. And all the people that are are not looking for 'success' in the same artificiality, the same alienation. Such alienation is such that grew up planning our life as the ideologies of accumulation and success dictated by the system. The system manages all the information in a way invisible and brutal, all the speeches that reach the mass speeches are of interest in the system so that it continues to prevail.

Keywords: Society; Capitalism; Speech; Artificialidade; Control.

### **REFERÊNCIAS**

- A Sociedade Mundial de Controle. Disponível em:  
<http://desobedecendo.blogspot.com/2007/07/sociedade-mundial-de-controle-michael.ht>.

Ultimo acesso: 15 de novembro de 2007.

- FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. Disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/>. Último acesso: 15 de novembro de 2007.
- FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. Disponível em : [http://WWW.discurso.ufrgs.br/impressao.php3?id\\_article=8](http://WWW.discurso.ufrgs.br/impressao.php3?id_article=8). Último acesso: 25 de novembro de 2007.
- FOUCAULT, Michel. A ORDEM DO DISCURSO. São Paulo:Loyola, 2006 ed 13ª.
- F. Jameson, Postmodernism, or the cultural logic of late capitalism, Duke, Duke University Press, 1991.
- FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. In: Souza, Marcos Spagnuolo. Apostila A Sociedade Moderna e o Controle do Discurso.
- HARDT, Michael. A sociedade mundial de controle. In: Alliez , Éric . Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- O Pensamento de Michel Foucault. Disponível em: <http://www.estacio.br/rededelettras/numero17/mirante/texto2.asp>. Último acesso: 10 de novembro de 2007.